



de Brasília

Não existe vácuo

• Frases famosas são curtas. Júlio César disse “cheguei, vi e venci”. E ficou com Cleópatra. O almirante Nelson clamou: “A Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever.” Morreu. Dom Pedro, mais palavroso: “Se é para o bem do povo e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.” O general Cambronne, intimado a render-se em Waterloo, foi curto: “Merda!” Agora, com duas palavras, Ciro Gomes mudou o jogo da eleição: “Eu topo.”

O vácuo é muito raro na natureza. Em política, então, o vácuo é impossível. Sempre que um espaço parece estar desocupado, alguém o ocupa. É que o poder tem sempre de ter donos.

Os estrategistas do Palácio do Planalto trabalharam um cenário bipolarizado, ideal para a reeleição de Fernando Henrique. De um lado, o presidente todo-poderoso, com o Plano Real, os partidos de centro e de direita, a máquina do Governo federal e a sua dialética convincente. Diria: ou eu, ou o caos.

Do outro lado, o Lula, já por duas vezes derrotado, chefiando um partido irremediavelmente rachado e, portanto, incapaz de apresentar uma agenda positiva, que despertasse esperanças no eleitorado. À falta de propostas, teria apenas os votos dos militantes e os votos da raiva. A raiva tem muitos votos, como provou o Enéas no passado, mas não o suficiente para ameaçar a liderança presidencial. O voto majoritário é um ato que o cidadão pratica na expectativa de melhorar a sua vida.

Tudo caminhava segundo o script preestabelecido. Itamar, que teria algum potencial de crescimento, está refém da sua indecisão paralisante. Não tem partido forte que o abrigue com segurança e, portanto, não teria tempo de TV. Vai acabar entrando para um partido nanico, o PL, talvez, e sendo candidato em Minas, ao Governo ou ao Senado. Maluf está esfrangalhado, e jamais o verbo foi tão bem empregado. Sarney é um poço de prudência. Adoraria ser presidente por conta própria, mas se conformaria em continuar ex-presidente, o que é uma posição que não tem risco algum e também tem os seus atrativos. Um ex-presidente tem uma boa pensão, segurança e transporte de graça, é convidado para reuniões internacionais, ocupa lugar de destaque nos banquetes, diz que no seu tempo era melhor e, sobretudo, não leva pedradas e pode deixar a reputação da mãe em sossego.

La tudo no melhor dos mundos, céu de brigadeiro, mar de almirante. De repente, não mais que de repente, fez-se do amigo próximo o distante. O ex-governador do Ceará, ex-ministro da Fazenda no período de consolidação do Real, tucano de plumagem de gala, responde à pergunta de um repórter de TV sobre se aceitaria candidatar-se à Presidência da República na legenda do PSB, modesta, porém sólida. E ele responde sem hesitação:

— Eu topo.

Eu topo por quê? Em primeiro lugar, porque há um gritante vázio nas oposições e Ciro acredita poder ocupá-lo. Em seguida, porque andou tomando uns ares de mundo em Cambridge, Massachusetts, e por lá conheceu o professor Mangabeira Unger, estrela de Harvard e grande fornecedor de idéias a políticos brasilei-

ros. Juntos escreveram uma receita de Brasil que não difere exageradamente daquilo que está sendo buscado pelo Governo, exceto na ênfase que dá a problemas sociais e a teses nacionalistas.

Unger, em tempos mais difíceis, já fora parceiro de Edmar Bacha no célebre ensaio que definiu a nossa estrutura social como sendo uma Belíndia, grande Índia, pequena Bélgica. Social-democrata teórico, não tem tido muita sorte com a escolha dos políticos que assessora, o conservador Paulo Brossard, primeiro, o populista Leonel Brizola, depois, mas tentar uma terceira vez não é pecado.

Ciro é ainda movido pela decepção com os rumos do PSDB, partido que ajudou a fundar, na expectativa de construir um instrumento de intervenção política que prezasse mais a honradez no trato do dinheiro público que o PMDB, do qual saíram os líderes tuicanos. A filiação do ex-governador da Bahia Nilo Coelho, que tem uma reputação pior, em matéria de honestidade e truculência, que até mesmo outros líderes de seu estado, foi o purgante derradeiro. Ao sair do PMDB, Fernando Henrique disse que não podia ficar no mesmo partido de Orestes Quércia e Roberto Cardoso Alves. Ciro não quer ser correligionário de Nilo Coelho.

É possível que a candidatura de Ciro Gomes não chegue longe. É a opinião, por exemplo, de Francisco Dornelles, um gélido observador da política que não está envolvido no problema. No entanto, a espetacular exposição que já teve na mídia e as simpatias manifestadas, tanto por políticos, como Roberto Freire, do PPS, ou os deputados do PSB, como por formadores de opinião na classe média, mostram que o espaço vago existe mesmo.

Parte da resposta sobre as possibilidades de união das esquerdas estará sendo dada hoje, no Hotel Gloria, onde se encerra o encontro nacional do PT.

O maior partido das esquerdas está claramente dividido, quase ao meio. No entanto, é inevitável que tenha um candidato próprio para levantar a sua bandeira no primeiro turno das eleições presidenciais. Trata-se de uma necessidade das suas bancadas parlamentares.

Caso o candidato seja ligado às tendências negativistas e corporativistas, os que sofrem da síndrome do touro miúra, que dá marradas cegas sempre que uma proposta do Governo aparece, o partido encolherá no pleito. Caso seja ligado ao grupo que Roberto Freire chama de “oposição propositiva”, poderá forçar um segundo turno.

Em ambas as hipóteses, uma candidatura externa ao PT, como foi a de Célio de Castro, em Belo Horizonte, tem melhores chances de aglutinar as oposições que a de um petista puro-sangue.